

QUINTA-FEIRA
Lisboa--7 de Julho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissao de Censura

59

sempre
five
semanario
humoristico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINA
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Caixa Sr.
de Alvarenga
Rua Brito Capelo,

Doloroso contraste



Os macacos já têm aldeia
no Jardim Zoológico

As crianças já não têm
crèche no Jardim da Estrela



Os ditos da semana



Morreu o penteado à *garçonne*. Regressamos ao penteado grego. Os cabelos continuam a ser cortados e, com os poucos que houver, com a prata da casa, o cabeleireiro architectará um simulacro de penteado grego. Vêr-se-hão gregos penteados e penteadores.

Ha uma coisa que a mulher não torna a fazer: deixar crescer o cabelo. Na cabeça da mulher tudo é curto, — as ideias e os cabelos, ao contrario do que diz o rifão. O ferro de frizar vai entrar numa maior actividade. Pôr-se-hão caracois por fóra onde ha minhocas por dentro.

A mulher gosta muito de variar e, quando não muda de marido, muda pelo menos de penteado, com a respectiva contrapartida para os maridos que, tambem na cabeça, sentem as variações da cabeça da mulher.

Daqui para o futuro surgirão, porventura, novas modas, mas todas obrigadas ao corte do cabelo, porque o sexo feminino adora o corte. Corta as saias, corta as mangas, corta as meias e corta na casaca da gente quando já não tem mais nada que cortar.

Pois se até a censura, só porque é feminina, não perde o maldito sestro de cortar.



Os rotarios, que já estavam cansados de comer em Lisboa, foram agora comer para fóra. O passeio abre o apetite. Ali come-se bem e digere-se melhor os accpipes, embora aos discursos nem sempre aconteça o mesmo.

Alguns, por mal temperados ou por mal cosidos, causam engulhos e provocam indisposições.

Já uma vez, bem recentemente ainda, enquanto falava um orador, exclamava um camarada lá do fundo da mesa:

—Lá está F. a arrotario...



Qualquer dia vamos ter outro carnaval na Avenida. *Confetti* e serpentinas. E, assim, este feliz ano de 1927 dar-nos-ha três carnavais. Um por natureza propria, que foi o primeiro, e dois por disposição da lei.

O primeiro foi fraquito, dé-

bil, desageitado, sem graça nenhuma. Para o desafrontar, inventou-se o segundo e foi ainda pior. O que será o que nos espera?

Podem os seus organizadores esfaltar-se a gritar, como no *Moleiro de Alcalá*: «Viva a alegria!», que este povinho lisboeta só é alegre nas hortas quando lhe chega a alegria do vinho.

A Avenida da Liberdade não dá liberdade nenhuma á esturdia. A Avenida só se sente bem quando deixa passar um enterro. Por isso até os passarinhos das arvores se riem em terça-feira de Entrudo ao vêr passar o funeral das ilusões dos que ali acorreram, convencidos de que se iam divertir.

Depois da batalha não ficam despojos no chão. Pare-

ce que a Avenida foi passada a pano. Flóres não ha, *confetti* não ha, serpentinas não ha, porque todos vão confiadinhos no que os outros hão de levar. Depois é só apanhar do chão e atirar e divertir-se á bruta.

E ali andam todos á espera uns dos outros, num verdadeiro curso de aborrecimento, no seu intimo fazendo preces para que venha uma carga de agna desmanchar a feira.

Agora, em pleno verão, nem essa esperança resta.

Aquilo ha de desfazer-se tudo em transpiração...



A cocaína está na berlinda. A policia não consente que a

Coisas da vida



—Porque choras? Teu marido abandonou-te?

—Não foi ele, foi o Chico.

gente se envenene. Quem tiver maguas que as aguento. Ninguem pode arranjar uma distracção de sonhos cõr de rosa, em palacios encantados, onde as fadas andam todas á compita para nos fazer felizes.

A cocaína dava todas essas venturas. Por uma pitada de cocaína, adquiria-se a felicidade que um milionario não disfruta. E tudo em imaginação. Não havia gatuno que fosse capaz de roubar tamanhas riquezas. Não era preciso pôr o palacio no seguro. Não se pagava imposto nem suntuaria. Não havia perigo de fogo, nem de terramoto.

Quando o sonho se dissipava, bastava tomar outra pitada de cocaína!

Veio, porém, a policia e prendeu uma felicidade que nós não tinhamos e deixou em liberdade a «Micas Gouveia», que rouba o que nós temos.

Um homensinho do Cirol mobilara o seu harem a pitadas de cocaína e acabaram-lhe com o fornecedor.

Quem quizer que se envenene com agua da Companhia, com os servetes ambulantes ou com os bõlos de ovos pódres.

E ficou tanta gente com o negocio arruinado!

Por este andar, daqui a pouco não morre ninguem e lá vamos ter uma crise de subsistencias. E, como o prazer da policia é desmanchar prazeres, qualquer dia manda desmanchar, por inutil, o ceiterio dos Prazeres.



Ha senhoras que, intitulado-se honestas, protestam contra o concurso da Rainha do Comercio. Mas que terá a honestidade com a beleza? E' porventura deshonesto ser bonita? Ha coisas que nós nunca conseguimos compreender. Havia, na nossa rua, uma peixeira que, em nome da moral, insultava as senhoras que passavam vestidas á moda. Um dia saiu-lhe a sorte grande e então era vê-la travadinha, com a saia por cima da cintura e decotes por baixo do Joelho. E tinha-se acabado a moral.

Não seria prudente que se estabelecesse, como condição imprescindivel para protestar, o envio dum retrato da protestante? Talvez assim se esclarecesse o misterio.

Fitas faladas

Aproveitando a época do verão, em que o corpinho nos pede desporto,—um pretexto como outro qualquer para passear nas praias em manguihas de pull-over—a empresa do Tivoli decidiu transformar a comoda sala em picadeiro. Para isso requisitou da America os mais afamados cavaleiros, mestres na difícil arte de cavalgar em todos os *écrons*. Tom Mix, Fred Thomson, Hoot Gibson e outros, arrearam os cavalos e as malas e aprofaram á Europa, dispostos a iniciar os profanos e apesados cinéfilos alfacinhas nas hipicas fantasias do rodeo.

O gesto é muito louvável, a ideia olímpicamente desinteressada, mas nós, talvez porque, conscientes da nossa incompetencia no capitulo de cavalgadas, nos deslumbramos perante as acrobacias equestres dos sotas, preferiamos mil vezes que a simpática empresa nos deixasse andar a pé.

Furacão é um filme sufficientemente hipico e mais do que sufficientemente mau para fechar com chave... de cavalariça a serie de *horse-pictures* das ultimas semanas. Hoot Gibson, o homem dos olhos de porcelana, será muito bom cavaleiro, mas vá lá fazer fitas para... o Far-West que o viu nascer. Nem todas as Marion Dixon e Violet Laplante do Hollywood chegariam para amenizar tanto coice. *Livra!*

Mal por mal, antes os cavalos... va por do invulnervol automovel de Priscilla Dean, na *Venus Desportiva*, que o leitor deve ter tido o bom-gosto de não ver. Mas se, indiferentes ao nosso pedestrissimo protesto, quizerem continuar as cinematograficas lições de equitação, é caso para se lhes dizer: Ora... tirem lá o cavallo da chuva!

* * *

Se basta um bom filme para perder as cavalices anteriores, *Rosita, Cantora das Ruas* torna o Tivoli digno da nossa magnanimidade de cronista irritado. O autor do argumento tinha decerto um fraco pelo belcanto, pois arranjou um verdadeiro *pot-pourri* de operas celebres. Misturou em partes ignais passagens da *Carmen*, da *Favorita*, da *Manon* e de outras não identificadas, juntou-lhe scenas da *Tosca* em grande dose, chocalhou tudo com a proficiencia dum *barman*, mandou encenar pelo Lubitsch, distribuir pelos *United Artists* e obteve um *cocktail* de prodigioso paladar.

Mary Pickford, a quem, sem consideração nenhuma pelos direitos maritais do Douglas Fairbanks, teimam em chamar a *Noiva do Mundo*, tom na Rosita uma das suas grandes criações. George Walsh soube ter quixotismo sem se ridicularizar e Holbrook Blinn rehabilitou-se do assassinato feito ao Luis XI da *Yolanda*, dando-nos um Rei á altura das circunstancias.

As boas relações diplomaticas impediram o legendista de designar o país que tão mal governado foi em 1801; mas as mantilhas, as peinetas, as violas e o salero dão logo a entender que o país cheio de sol em que se desenrola a acção é, com certeza, a Patagonia. Foi pena que o filme não tivesse corrido antes do S. João. Aparece lá cada quadra que fazia um visião no concurso do Papá-Diário de Lisboa.

Retardador.



—Frazes o cão á exposição canina?
—Até amanhã, não. Esta tarde, sem que a minha mãe dê por isso, vou levá-lo ao cabeleireiro para lhe cortar o cabelo á «garçonne».

HUMORISMO A MODA DE BONOT

O vingador providencial

Ganimedes da Cruz Mimoso está arrelhiadissimo, como uma fera mansa. Recebeu uma carta de sua sogra em que esta veneranda senhora o trata, com a menor cerimonia, de patife, pelintra, porco em pé e até de comerciante intrujão.

Esta sogra, a ex.^{ma} sr.^a D. Violante, tem que se lhe diga, nas suas pretensões artisticas e, como ela diz, no seu poder dictatorial, á época tambem. Só ela quer pensar, só ela quer ter gostos e mando em *tuti quanti*, na filha, no genro, que ela, não conservando papas na lingua, considera e classifica de mercador em grosso.

Os furores da ultima missiva a Ganimedes originam-se em o corpo lhe podir dansa e em ele não lhe ter ainda levado um «Columbia» com o disco do *black bottom*, ás mil maravilhas para o seu posterior lubrificio... E ele não lh'o mandou por ela se recusar a pagar encomendas.

fissão: quando eu tinha seis meses e meio, puzoram-me á janela a ver a tropa que passava e a minha ama, para fazer gaifonas a um guita... larga-me e... truz, vim paçar á rua, do quarto andar abaixo.

GANIMEDES.—Ficou estampado no solo?!

BOSSA.—Não senhor, no toutiço dum moço do fretes, mais duro ainda.

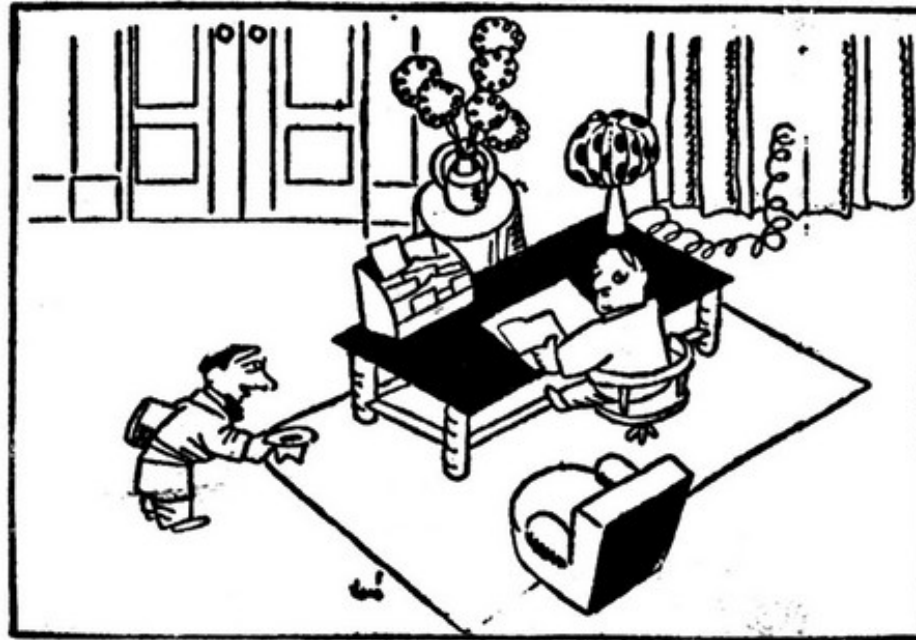
GANIMEDES.—E então?

BOSSA.—Depois deste terrivel acidente, estou sujeito a crises de fúrias; vejo encarnado nesses momentos e sinto ganas de matar todo aquele que me descontente, contrario ou me olhe torto... Veja lá, estou num desses dias... (*Leva a mão ao bolso*).

GANIMEDES, *assustado*. — Que procura?

BOSSA.—O meu revolver...

GANIMEDES.—Não prefere an-



Calado, punhos cerrados, Ganimedes ruma a sua vingança, quando, de repente, batem á porta.

GANIMEDES.—Empurre!

BOSSA *entra, sereno e sorridente*. Cavalheiro...

GANIMEDES.—Que pretende?

BOSSA.—Venho oferecer-lhe os meus prestimos.

GANIMEDES.—Não preciso nada, muito obrigado.

BOSSA.—Permita, no entanto, que lhe diga que os espumosos «Bollhas d'oiro»... além de rivalizarem com os melhores «champagnes» e por causa dos direitos...

GANIMEDES.—Não bebo vinho. Nem os posso tragar.

BOSSA.—O senhor sim, mas amigos seus.

GANIMEDES.—Não tenho disso.

BOSSA.—Para as pessoas das suas relações.

GANIMEDES.—Não conheço ninguém... Não insista; perdo o seu tempo precioso.

BOSSA.—E' a sua ultima palavra?

GANIMEDES.—Não tenho outra.

BOSSA, *num tom aspero*.—Tenho muita pena pelo que me diz respeito... pelo cavalheiro principalmente, cá por coisas, ah, ah...

GANIMEDES, *com um pouco de inquietação*.—E porque assim, se faz favor?

BOSSA.—Vou fazer-lhe uma con-

tes este meu lapis e assentar a encomenda que lhe vou fazer: com garrafas «Bollhas d'Ouro»? Pago já!

BOSSA.—Ora ainda bem! Eu tinha a certeza que havíamos de acabar por nos entendermos!

GANIMEDES.—Então agora já lhe passou?

BOSSA.—Por alguns instantes, pelo menos... Ai, porém, do meu primeiro freguês, se não fôr acomodaticio e não me receber convenientemente: pum! pum! é pessoa liquidada!

GANIMEDES.—Oh, co'os diabos!

BOSSA.—Por isso, peço ao cavalheiro que tenha a bondade de me indicar uma pessoa a quem, com uma recomendação, eu tenha a certeza de ser bom recebido e pago adiantado.

GANIMEDES *reflete alguns segundos; depois, de repente, radiante e esfregando as mãos*.—Posso satisfazer os seus desejos de forma a que o senhor faça negocio. Vá procurar, da minha parte, a viuva do Nascimento Alegria, ao Regueirão dos Anjos, 13, sub-solo, esquerdo...

BOSSA.—E' uma das suas amigas?

GANIMEDES.—Melhor, muito mais seguro; é a minha sogra... Mas, vá lá depressa, imediatamente, para ter a certeza de a encontrar!

José PARREIRA.

Um congresso com graça ou a medicina pelo olfato



No congresso do especialistas de doenças de garganta, nariz e ouvidos, em Viena, segundo o caricaturista Sipos, no jornal *Die Stunde*, os sabios entretiveram-se a cheirar os respectivos órgãos dos colegas, como se vê do desenho que reproduzimos do aludido jornal e em que figuram o nosso illustre compatriota dr. Carlos de Melo, prof. Heinrich Neuvrann, prof. M. Hajek, prof. Kümmel, Dozent Hugo Stern, prof. Heymann e L. Assinger.

COERENCIA...

Ouço dizer que a Igreja
E' contraria á cremação,
Que não quer, que não deseje
Que se reduza a carvão
Um só cadaver que seja;

Mas ouço dizer tambem
Que, em tempos que já lá vão,
Certo Papa, que Deus tom,
Fundou a Inquisição,
Que nunca queimou ninguém...

Assim compreendo eu
Por que logicos motivos
A Igreja faz escarceu:
Quem não quiz queimar os vivos...
Não quer queimar quem morreu.



—De maneira que uma mulher atirou-se pela janela fóra e você ficou tranquilo?...

—Perdão. Eu vim a correr ao andar de baixo, mas ela já tinha passado para o rez-do-chão...



TEATRO



«RETROZ PRETO...»

Ester Leão

CONSTA que dois artistas muito conhecidos, cujos nomes já este ano estiveram ligados numa companhia de comédia, pensam em matrimoniarem-se.

Final, ela não é tão selvagem como se dizia...

Os nossos parabens, se a noticia é verdadeira...



DUMA artista consagrada, que esteve muito tempo retirada do teatro, voltando a ele ha dois ou três anos, diz-se espiritualmente:

—Fulana fez-nos duas partidas. A primeira foi quando se retirou do teatro, a segunda... quando voltou.



A historia repete-se.

As enchentes do Eden são de tal natureza que já metem... cavalaria á porta do teatro. Tal qual como no Cabaz de Morangos.

Pelo visto, a sobremesa não ostragou o jantar...



NASCIMENTO Fernandes dizia outro dia, a proposito da Aldia dos Macacos:

—Vai ser uma revista prodigiosa. Para atrair o publico até temos dois artistas de morte...

Será piada á tourada dos Combatentes da Grande Guerra?...



EM França, as artistas tem o seu orgulho natural e justo, vamos lá com Deus. Ha tempo, uma senhora da alta burguesia parisiense, cujo marido enriqueceu desmodidamente durante a guerra, quiz dar em sua



Uma Severa que vai cantar o fado na Madragôa

casa uma soirée chic, com a colaboração paga de varios artistas. Apresentada a Gaby Morlay, esta pediu-lhe cinco mil francos.

—Mas é muito caro, contrapós a dama.

—Bem vê, minha senhora, que tenho de passar parte da noite com uma sociedade que não desejo conhecer...

—Mas é isso exactamente que eu não queria...

—Logo que acabasse o seu trabalho, retirar-se-hia... As minhas visitas não gostam de gente de teatro.

E Gaby Morlay:

—Então, não são cinco mil francos, mas quinhentos... por me poupar o sacrificio de aturar os seus convidados...



ALMEIDA Cruz ha oito dias que está na iminencia de ser preso, em virtude dos seus espectaculos excederem a hora regulamentar.

Precações dum empresario que quis dar ao publico um prato suculento —e não uma sandwich teatral.



AVELINO de Sousa prepara uma opereta intitulada Gomes Freire-Avenida.

Não ha duvida que a linha é muito concorrida e divertida. Já muita menina lá tem descarrilhado...



ALVES da Cunha prova mais uma vez que é um homem de coragem. Vai montar os Miseraveis, com grande abundancia de scenarios e figuração. Para cumulo, até ha uma derrocada, no palco.

Será preciso mandar chamar os bombeiros?...



ALEXANDRE de Azevedo organizou companhia com Carlos Santos. Vão para a provincia.

Não admira que tenham exito. Para cima todos os santos ajudam...

O Homem das 5 horas



—Quanto quer «vomecé» por me levar no camião até á vila?

—Três escudos, não querendo pagar uma pinga cá ao rapaz.

—Era só para saber quanto ganho indo a pé...

UMA ANEDOTA por semana

Um rapaz infeliz

Um rapaz inglês, «sportsman», vinte e cinco anos esguios e desempenados, enamorou-se duma loira «miss» dos arredores de Londres e, convencido de que ia fazer a sua felicidade, resolveu pedi-la em casamento. Apesar de ter já atingido a maioridade, respeitador e severo como qualquer inglês que se preza, não quis dar um passo definitivo sem o consentimento paterno.

—Meu pai, disse o rapaz, vou casar-me, mas preciso da sua autorização para fazer o pedido.

—Muito bem, respondeu-lhe o pai, procedes como um homem de bem. O casamento é a base da família. Mas quem é a tua noiva?

—É «miss» Hopkins, rapariga gentilíssima e um verdadeiro poço de virtudes.

Ouvindo aquele nome, o pai ficou horrorizado. Os seus gestos e a sua fisionomia reflectiam bem a tragedia que lhe ia na alma.

—Tu não podes casar com essa menina, William.

—Porquê, meu pai.

—Porque é tua irmã. Loucuras da mocidade que a tua propria mão ignora. Essa menina é também minha filha.

William sofreu um choque tão violento que teve de ir para a Escocia, esquecer a sua magua e o seu amor.

Mas, porque todas as dores passam, dois anos depois, William relacionou-se com outra gentil rapariga e novamente proccorrou o pai para lhe pedir licença para casar.

—Acho muito bem, disse o pai. Já era tempo de esqueceres aquela infelicidade de ha dois anos. E quem é a tua noiva?

—É «miss» Rosemary Cambridge, linda como os amôres, boa como uma pomba mansa.

—Oh! desgraçado, exclama o pai, pondo as mãos na cabeça. Também com essa não podes casar, porque também é tua irmã. Que infeliz que tu és, meu filho!

Destá vez, o rapaz ficou inconsolável. Não podia resignar-se. A sua dor não tinha lenitivo. E foi o proprio pai, profundamente comovido, que o aconselhou a procurar junto dos carinhos maternos a consolação que ele, como homem, não sabia dar-lhe, consentindo mesmo que revelasse á mãe toda a verdade acerca das suas loucuras de rapaz.

William chorou longamente sobre o regaço da mãe a sua imensa desgraça. Não havia palavras, não havia carinhos que o consolassem. A mãe esgotou todos os argumentos para acalmar aquele coração aflito e, quando perdeu todas as esperanças de amenizar a sua angustia, perguntou-lhe:

—Mas tu tens assim um tão grande desgosto por não casar com essa menina?

—Se tenho, minha mãe! Eu sinto que não resisto a este golpe.

—Pois, então, diz-lhe a mãe, casa com ela e deixa falar o teu pai, porque tu não és filho dele.

TAC-TAC-TAC

HISTORIA DUMA NOTABILIDADE

Notára-me Crisostomo que, ás vezes, aqueles que na escola conhecemos como de mais espessa testadura são, pelo andar dos tempos e nas voltas em que o mundo soi girar, figuras de avultado renome como de merecimento incontestavel.

Crisostomo, em quem o nome ex-druxulo já marcara o destino de bem falante e atilado cavaquador, costuma, com a flagrancia dos exemplos, comprovar as suas asserções. Assim foi que, após algumas palavras para exordio, me contou este caso singular.

—Sim, disse-me ele. Não é para admirar que assim succeda. Mais duro do que a pedra não me consta que haja nada e no entretanto de que são feitas as mais maravilhosas estatuas e outras esculpturas? Em marmore. Em marmore, meu bom amigo; e olhe que o marmore é tão resistente que até quando uma coisa é de considerar na historia se diz que ela é marmorea. Pelo menos, assim tenho sempre ouvido dizer. E as catedrais, Francisco, as catedrais de que são feitas?... Sim; de que são feitas?... Pois de granito. E olhe que o granito não é para brincadeiras; é duro como um diabo. Uma simples corniche que cai do alto duma torre deita a um tipo sem concerto. Nem que seja o Romão, não escapa. Assim ele experimente, se quizer...

—Longe vá o agoiro!—exclamei já a ver o Romão esborrachado.

—Isto são comparações, amigo Francisco. O que eu quero, na minha, é provar que, se da pedra sem fórma sai estatua, também dum bruto pode sair homem notavel.

Lembre-se do padre Vieira, que dizia: «arranca o estatuário», etc., e, depois, «até um deus para se pôr num altar». De pedra bruta é que a Venus de Milo foi feita. E eu sustento que, do que em novo, ou pequenino, julgamos uma cavalgada, pode muito bem sair um estadista ou mesmo um proccisor consideravel.

—Olhe, esta é autentica e você, se calhar, conhece a pessoa de quem se trata. Tem de conhecer, por força; digo lh'o eu

«O rapaz era de Leiria ou coisa que o valha. D'ali foi para o Porto, e, do Porto, a estudar já não sei bem o quê, direito ou matematica, foi para Coimbra, ou para Lisboa, também não sei, ao certo, qual a terra. E não importa para o caso.

«Tanto em Coimbra como em Lisboa, ha um rio, e nos arrabaldes do ambas as cidades ha palha, que é o que é necessario.

«O nosso estudante vinha, pois, para matricular-se num curso. Matriculou-se. Chegou ao fim do primeiro mês sem dinheiro e lembrou-se que á partida recebera dos seus uma carta para um banqueiro da terra que

a este tempo me lhe dar a meçada.

«Correu, a bufes rapidos, a casa do supradito e logrou encontrá-lo quando já ia fechar o escritorio.

«O banqueiro era um homem já idoso, pachorronto e cheio de consideração pelos seus clientes. Apesar de já não serem horas de expediente, lá acolheu o rapaz e leu a carta de ordem.

«—Pois, sim senhor—disse ele,—cá estamos ás suas ordens, e amanhã...

«—Hoje, hoje é que eu queria atalhou o estudante.

«—Pois também não ha de ser por isso que nos houvemos de zangar. Faça o seu recibo e entregue ao meu empregado, que eu vou já buscar-lho o dinheiro.

«—Mas...—titubeou o rapaz.—Eu não sei o que devo fazer; eu nunca fiz recibos...

«—É muito simples, meu amigo. O senhor escreve neste papel—e apresentou-lhe um papel—escreve: «Recebi do sr. Fulano a quantia de X, correspondente á mensalidade do mês de tal.» Data e assina sobre o selo. Compreendeu?

«—Compreendi, sim senhor.

«—Então escreva, que eu já volto.

«E foi-se. O rapaz escreveu, pôs um selo e assinou.

«Quando o velho voltou e lhe deu o dinheiro, 30\$000 réis por sinal, o estudante entregou-lhe o recibo, contou o dinheiro e agradecendo, saiu a porta.

«O velho então lançou a vista sobre o papel. E subito, como um relampago, solta uma expressão um pouco forte e corre á porta.

«—Pschin! pschin! Olhe lá, olhe lá!

«O estudante voltou.

«—O seu garoto, seu malandrim! Com quem julga você que está a brincar?—gritou-lhe o velho, apoplectico.

«O rapaz, interdito, gaguejou:

«—Oh senhor, por amor de Deus, que foi que eu lhe fiz?

«—O seu traste, que escreveu você no recibo?...

«—O que o senhor me ditou—respondou o rapaz quasi a chorar.

«O velho então compreendeu e comoveu-se. Escreveu em silencio outro recibo, que fez assinar pelo futuro doutor, e despediu-o:

—Vá em paz, meu amigo. Vá em paz que, se fôr sempre assim, ha de ganhar o céu...

«E, de novo a sós com o empregado, leu, a rir como um doido, o primeiro recibo:

«Recebi do sr. Fulano a quantia de X, correspondente á mensalidade do mês de tal. Data e assina sobre o selo.—Mota.»

—Pois, terminou Crisostomo sorrindo, o homem é hoje alguém neste país...

Cirano de Velhefrac.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Tenho tido tantos desgostos, minha querida amiga, que este ano envelheço pelo menos dois me...



O cidadão:—Estou ha meia hora diante deste guichet...

O funcionario:—E eu ha vinte atrás dele.



Ela:—Você não casa comigo?

Ela:—Não. Pois se você não tem com que me comprar lenços de assoar...

Ela:—Ah! Mas você conta estar constipada toda a vida.



—A tua avó tinha uma cabeleira que caía até o chão.

—É como eu quando corto o cabelo.



—Eu não lhe compro esse quadro porque está por acabar.

—É futurista.



—Grande patife! As minhas melhores meias de seda inutilizadas!

BRISTOL CLUB DANCING
O UNICO SEMPRE EM FESTA

O PÓ DO TUMULO

OU

Um homem que já se não usa

O actual senhor Doutor ainda assistiu a varias festas no antigo Passeeo Publico, em Lisboa. Já não é hoje, por conseguinte, uma creança. Deve andar pela casa dos setenta... bem pintados.

Na sua mocidade, era infalivel em casa do comendador Mendonça, que morava então para os lados do Poço da Cidade e que abria, frequentemente, a sua espaçosa sala de visitas e a sua abundante sala de jantar ás pessoas que «o honravam com a sua amavel presença».

De notavel, na sua sala de visitas sobresahia um enorme busio, em que se ouvia o marulhar do Oceano. Uma maravilha! E na sua sala de jantar saltava nos olhos um espectacularo pudim, que nunca foi encotado, porque era um curioso especimen da louça artistica das Caldas.

O comendador Mendonça, ou antes, o illustre Mendonça, como todos lhe chamavam familiarmente, tinha sangue azul... na setima dinamização—afirmava, com protenciosa erudição heraldica, um medico homeopata da sua intimidade. A arvore genealogica da aristocratica familia do illustre Mendonça plantara-a D. Fagundo, um bastardo, lá para as bandas de Lanego.

Os seus salsifrés nos sabados, em que se dansavam até á madrugada, eram frequentados por gente escolhida e varias meninas Pires. Os salsifrés terminavam sempre por uma movimentada quadrilha, marcada com *entrain* pelo dono da casa e em que era da praxe os pares, em endiabrada *promenade*, percorrerem todas as dependencias do apartamento, até mesmo a cosinha!

Lembro-me de que, uma noite, no melhor desta movimentadissima quadrilha, o illustre Mendonça gritou com certa emoção, no seu francês aprendido sem mestre:—*Attendez! Attendez!*

Fez-se religioso silencio. O dono da casa, com a gravidade do grandes momentos, comunicou aos circunstantes que não podia continuar a comandar a quadrilha porque alguém lhe segredou—que lhe rebentara o cano... A sua presença *in loco* era, pois, imprescindivel. Que o desculpassem—o retirou-se precipitadamente. Entupira-se o cano da agua... Soube-se logo. E a quadrilha continuou, marcando-a, com voz aflautada, o Baptistinha, empregado na Misericordia, rapaz muito querido das meninas intelectuais, cantor de fados e bailarino incansavel.

* * *

Foi numa destas reuniões semanais do illustre Mendonça que o senhor Doutor travou relações com a Francisquinha, filha unica, muito prezada e rica, temente a Deus e andiosa de dar legalmente o sagrado nó! O pai era um banqueiro da Baixa, que se evidenciou, entre a gente endinheirada da rua dos Capelotas, pelos seus palpites na compra e venda de cambiais.

O senhor Doutor, ao tempo um rapazinho boiro e elegante, gostando de jogos de prendas e de se

encontrar em sociedade, —agradou-lhe.

Principiaram os gargarejos, o illustre Mendonça pediu, protocolarmente a mão da menina e as *Novidades*, no *Carnet Mondain*, anunciaram o proximo enlace com invulgar adjectivação encomiastica.

Como era natural, o illustre Mendonça associou-se ao auspicioso enlace, oferecendo um salsifré extraordinario com *cotillon* e canja pela madrugada. Para o *cotillon* inventara uma marca, em que os cavalheiros deviam escrever nos leques das damas um voto pela felicidade conjugal dos noivos.

Esta marca produziu sensação e escandalo porque o *reporter* Sepulveda escreveu este conceito de interpretação complicada: «Onde ha galo, a galinha não canta!»

As damas escandalizaram-se. Não comprehendiam o que os galos e as galinhas tinham com a felicidade conjugal dos noivos,—e protestaram ruidosamente contra a atrevida baboseira do Sepulveda, classificando-o de *palerma*. Atrapalhado, o Sepulveda desculpou-se, balbuciando que a frase era simbolica.

O Porto roubara-lhe a inspiração... As damas acalmaram-se; só a D. Quiteria, membra influente do *Club das Mulheres Emancipadas*, perorou pela igualdad dos sexos, com a energia máscula dum homem, citando a sr.ª D. Guómar Torresão. Sem se conter, a D. Quiteria ainda exclamou, para cortar o incidente: «O cavalheriinho desculpe, mas perdeu uma bela ocasião de não tirar a pona do tinteiro».

O Sepulveda entupiu, o *cotillon* acabou e surgiu finalmente a famosa canja.

D'ahi a pouco, os convidados, muito agradecidos, retiraram a Penates, acompanhados até ao patamar, com extremos de sobria galanteria, pelo illustre Mendonça, o qual conseguira proporcionar aos seus convidados mais uma deliciosa noite.

A Francisquinha e o senhor Doutor casaram.

* * *

Decorreram trint'anos. O senhor Doutor agora já é velho. Foi nesta fase decadente da sua agitada vida que o conheci de perto, o logrei ouvir e observar. As suas longas viagens e a convivencia com aristocratas e diplomatas da Europa e da America, por

onde peregrinou cortejando sem consequencias as damas e papando contendas de jantares da mais rigorosa etiqueta, imprimiram-lhe um ar de gozo e arcaico. O senhor Doutor não é moderno em nada! E' um homem... que já se não usa. Por exemplo, a sua fenomenal casaca é positivamente um precioso monumento da indumentaria nacional! Ainda é daquele magnifico briche, que usaram os homens de 1820, e o seu corte, segundo opiniões autorizadas, é do tempo do Marechal Saldanha, pelo menos. Ah! mas é uma casaca gloriosa, pois atravessou, sem nodos, num perfeito estado de conservação, os doirados salões das grandes capitais. O seu estado de incrível conservação é tal que se não fôsem as suas bandas pre-historicas e as suas escandalosas anquinhas, ainda talvez passasse sem despertar comentarios!

O senhor doutor enviou depois de tributar mais de vinte anos com a Francisquinha, que nunca deixou de o arrelhar e criticar pelas suas maneiras excessivamente delicadas. Queria que ele a contemplasse com um descendente, sonho jámais realizado!

Imaginem—contou ela um dia—«o meu marido é tão protocolar, tão massador, que até ao deitar, no momento soleno de levantar a roupa, me diz sempre, com uma gravidade que desconcerta a minha posição de casada: *ardon, madame!*»

A Francisquinha, que em solteira era um anjo de candura, na opinião de numerosas mããs experimentadas em decortinar futuras esposas modelos, inconsolavel, tornou-se... Francisção!

* * *

Encontrei-o em Vichy, onde, de copinho na mão, procurava concertar a figadeira. De luto pesado, pois a Francisquinha falocera na Alemanha, passeava pelo Parque, abstracto. O seu pensamento constante é perpetuar a memoria e, assim, alcançou que a santinha (sic) dormisse num cemiterio de Berlim, muito bem, entre uma Schülts e uma Steln. E acrescentou:

—Meu amigo, estou satisfeito porque não era facil arranjar-lhe melhor companhia.

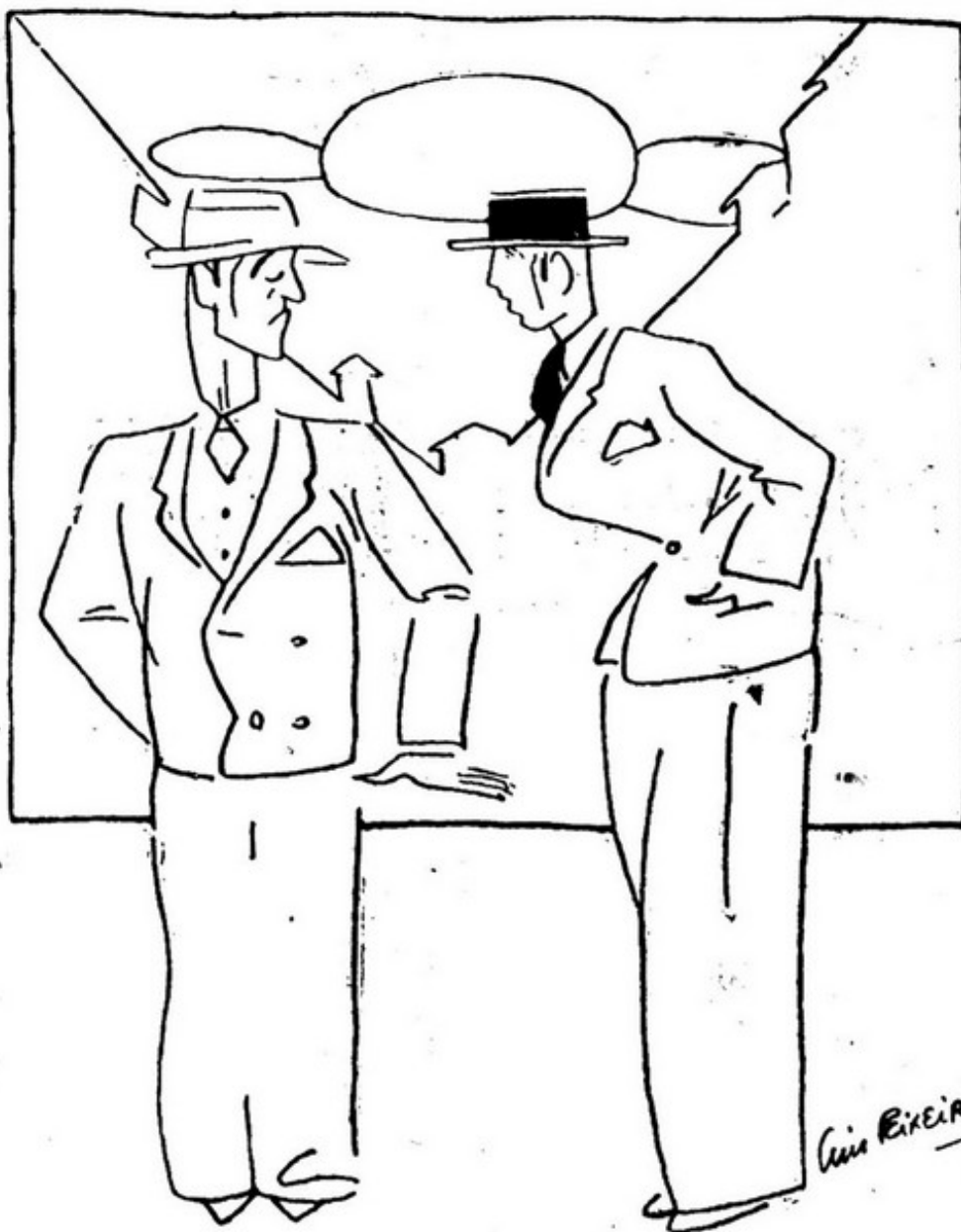
Suspirou profundamente e, abrindo as abas do seu *pardessus*, mostrou-me um saquinho de seda preta, explicando-me que continha o pó que ele, religiosamente, recolhera, havia dias, ao espanar a sua sepultura!

O senhor Doutor, vergado á sua saudade eterna, despediu-se de mim, enxugou uma lagrima furtiva e seguiu por uma das alamedas centrais do Parque, meditabundo; e eu sentei-me á mesa dum café, onde escrevi esta cronica, pois agrada-me contribuir para perpetuar a memoria da inconsolavel Francisquinha, que o casamento transformou em Francisção.

Se um dia se encontrarem no Outro Mundo, calculo que a Francisquinha ainda é capaz de lhe censurar o gesto.

Espanar a sua sepultura?! Ele nunca a compreendeu.

Emilio Garcia,



—Qual é a tua situação agora no funcionalismo?

—Adido... e mal pago.

PROSA DE CHA VELHO

Um gesto de despedida e dois gestos de Rafael Gallo

Nuncio, Gallo, Barajas, Chaves, Landa, Bejarano e... Rubichi! Coimbra, Miuras, Norbertos e Infantes! Com dois gestos tão suculentos se despediram de Portugal Simão da Veiga e Agostinho Coelho, dois gestos que muito se parecem ao de Zé Povinho das Caldas, de Mestre Rafael. Disseram-nos adeus com a mão fechada de elementos!

O Nuncio merecia ser de Sua Santidade porque é o representante tauromaquico de S. Pedro na terra portuguesa, o cavaleiro que possui as chaves do toureio equestre nacional. Aquela faena dada ao touro de Coimbra na primeira das corridas ficará, durante muito tempo, como modelo de bom e aprimorado toureiro. Que figura, que equitação, que arte!

Rafael, El Gallo, merece capitular a parte. Este cigano vale um dinheirão!

Para dar uma ideia das suas genialidades fóra da praça, recordamos dois gestos de Rafael na ultima temporada de verão, em San Sebastian.

O primeiro consistiu em querer reunir no Hotel Cristina tudo o que de notavel, em seu entender, se encontrava na praia do norte. E, depois duma tarde celebre, em que Rafael fez das suas na praça, reuniu em torno duma mesa florida: o tenor Miguel Fleta, o rejoneador Antonio Cañero, o empresario Rafael Linaje, o critico Fernando Gillis, o advogado de toureiros Fernando Guittarte, o aficionado Pepe la Morena, e flamenco Antonio «del lunar», outras figuras «representativas» e este vosso servidor.

E, á hora do café, dizia Rafael para a ideal morena que se sentava a seu lado:

«—Té er honó de sentá a tu láo lo mejó de lo mejó de la Peninsula. Er mejó torero, que soy yo, er mejó tenó, que es Fleta, er mejó rejoneadó, que es Cañero... e «los mejores», para Rafael, eram todos que com ele se sentavam, principiando por ele!

O outro gesto veio depois do jantar, declarando que tinha descoberto um negocio que parecia impossivel que a ninguem tivesse lembrado. Consistia o negocio da sua descoberta em comprar com as pesetas ganhas em San Sebastian varias mercadorias na vizinha Bayonne. So cada peseta valia três francos, dizia Rafael, podia-se assim triplicar o seu valor trazendo as compras para Espanha, onde tudo valeria três vezes mais!

Tentámos convencê-lo que tal ora de bombo estaria ha muito tempo descoberto se não existissem alfaudegas. Mas ninguem o demoveu da genial ideia, e no dia seguinte abalou para França com o capital, que empregaria totalmente na compra de gabardines e outros artigos vendáveis.

Dias depois, recebia o empresario Pagés urgentes telegramas do inteligente negociante, que estava na fronteira sem dinheiro para pagar os direitos das mercadorias, que depois vendeu em Espanha com consequente prejuizo!

Este é aquelo Gallo pitoresco que no Campo Pequeno fez corridas pedestres, enternecedoramente abraçado aos dois andarilhos que ele, eterno Quixote, supunha pagens de alguma princeza encantada.

Barajas é o primeiro bandarilheiro da baraja taurina. Chaves não dispõe de chaves para abrir as portas da nossa admiração. Marcial, não será marcial, mas é o mais dominador dos toureiros. Bejarano é tão simpatico como a canção da «Bejarana». E Rubichi, como rabicho de todos estes coletas, passa...

E os amigos Simão e Agostinho, que sempre elogiei, ainda que alguma vez criticasse para mais valorizar os elogios, saibam da minha magua por nunca mais poder elogiar a arte de tão valentes toureiros, em terras de Portugal.

Perez-Lachaise.

A NOVELA DO "FIXE"

O sorriso de Marta

Nascera pobre numa misera manarda e Deus, como não lhe quiz dar a Felicidade, dotou-a com um lindo sorriso, aquele encantador sorriso que todos os homens viram aflorar nos seus labios pequeninos e rubros como cerejas.

Como um botão de rosa, cresceu e transformou-se numa linda flôr. Um dia apaixonou-se por um homem que, com falsas promessas, a enganou vilmente.

Dessa sua falta vieram três lindas crianças gémeas e o sofrimento de se vêr abandonada pelo vil sedutor foi substituido pelo mais belo sentimento: o amor de mãe!

Alguns meses depois, o seu amor materno foi rudemente ferido. Dois dos seus filhinhos que ainda não contavam um ano de idade travaram-se de razões por desejarem ambos o mesmo biberon e anavallaram-se ferozmente, falecendo pouco depois de darem entrada no Hospital de Santa Marta.

E a outra Marta, a Marta mãe, dedicou-se com todo o calor da sua alma abnegada ao unico filhinho que lhe restava.

Em seu modesto emprego, onde a sua já fraca existencia se ia consumindo no eterno pedalar duma maquina Singer, continuava a mostrar o seu sorriso, triste é certo, mas consolador. De voz bem timbrada, cantava um dia com profundo sentimento esta quadra:

*Oh, fonte dos musgos vertez,
A minha sina é pior!...
E's velhinha e nunca perdes
O que eu dei ao meu Amôr!*

quando entrou no estabelecimento um amigo do proprietario. Ele olhou-a com curiosidade e, depois de alguns minutos de conversa banal, Fernan-

do, assim se chamava desde o baptismo o visitante, sentiu-se atraído pela formosa Marta.

Nessa mesma noite, á saída do atelier, Fernando foi esperá-la. Ela contou-lhe a sua vida, que era um estendal de infortunio. Falou-lhe das suas illusões, dos seus desgostos e da sua misoria. Ele confessou-lhe ser casado pelo Registo Civil e pai dum monino traquinas. Tambem disse que fazia versos.

Acompanhou-a a casa e, durante muitas noites, esta scena repetiu-se.

Um dia, Fernando descobriu que se sentia apaixonado por Marta. Era uma paixão violenta, capaz de todos os rasgos e das piores loucuras.

Confessou-lhe e Marta riu, com o seu eterno sorriso. E a sorrir... sempre a sorrir... desiludiu-o, sem dó, friamente, com quilos de gelo...

Fernando chorou, encharcando o seu lenço perfumado com Chipre e disse-lhe o derradeiro adeus!

No dia seguinte, ao almoço, no momento em que a esposa lhe participava que o peixe aumentara, Fernando lembrou-se pela ultima vez de Marta e do seu sorriso, olhou para o goraz que ironicamente sorria tambem... e suicidou-se engulindo o garfo.

Nessa mesma tarde, a esposa de Fernando requereu, inundada de lagrimas, a autopsia ao cadaver do marido para lhe extraírem o garfo, que lhe ficava fazendo muita falta.

Marta, quando soube isto tudo, foi para casa maldizendo o seu sorriso e, descobrindo que o do filhinho que dormia era identico ao seu, mofada pelos romorsos, papou a criança e morreu hora e meia depois, fulminada... por um indigestão.

Morreu Marta... mas morreu fatal!

Reclx.

Sorte de costas



— Não sabias o que era uma sorte de costas?... Pois aqui a tens.

CANÇÃO NACIONAL

Touros de morte

Mote

A moral cheia de traça
Embirra co'a tauromaquia
Mas como arroz com pardais
Na bacanal e na orgia.

Glosas

Entre os poucos detractores
Da tourada tão viril,
Encontra a loi de funil
Acerrimos defensores;
Ha outros cultivadores
Do box que esmorraça
Fazendo quetes p'rá taça
Do homem que ganha a luta
E chama á tourada bruta
A moral cheia de traça.

Ha gulosos paladinos
E alguns belos comilões
Que censuram agulhões
Que utilizam os campinos;
E ha gente de modos finos
Que por essa Mauraria
Faz festinhas ao rufia
Que assassina em briga brava,
Mas porque o toureiro crava,
Embirra co'a tauromaquia.

Não querem vêr matar pombos
Mas guizam-nos com ervilhas,
Detestam as bandarilhas
Mas atiram-se aos lombos.
Riem dos humanos tombos
E choram p'los animais,
Vão de tipoia a Cascais,
Sempre a troto sem descanso,
Não comem carne de ganso
Mas comem arroz com pardais.

Ha os que preterem vitela,
Os patos e as codornizes,
Galinholas e perdizes,
Carne fresca de gazela...
Pois só couves na panela
Dizem que faz anemia,
Mas, chamando tirania
A uma estocada na praça,
Ha gente que a vida passa
Na bacanal e na orgia.

Corram todos e vão vêr
O Cadete e o Manoel
Cumprirem com o seu dever
Lá dentro do redondel.

Manoel dos Santos.

(Ex-bandarilheiro)

ANEDOTAS EM VERSO

Desentendido...

—Tens vinte escudos contigo?
—Nem dez réis, estou depenado!
—E em tua casa, amigo?
—Em minha casa, eu te digo...
Todos bem, muito obrigado.

Bom conselhe

—Quando fizere a conferencia,
Já sabes, ao terminar,
Cumprimentas a assistencia,
Levantas-te, devagar,
E sahes nos bicos dos pés.
—Para qué? Não vejo bem...
—Nos bicos dos pés, bem vêr,
P'ra não acordares ninguem.

Sexto mandamento

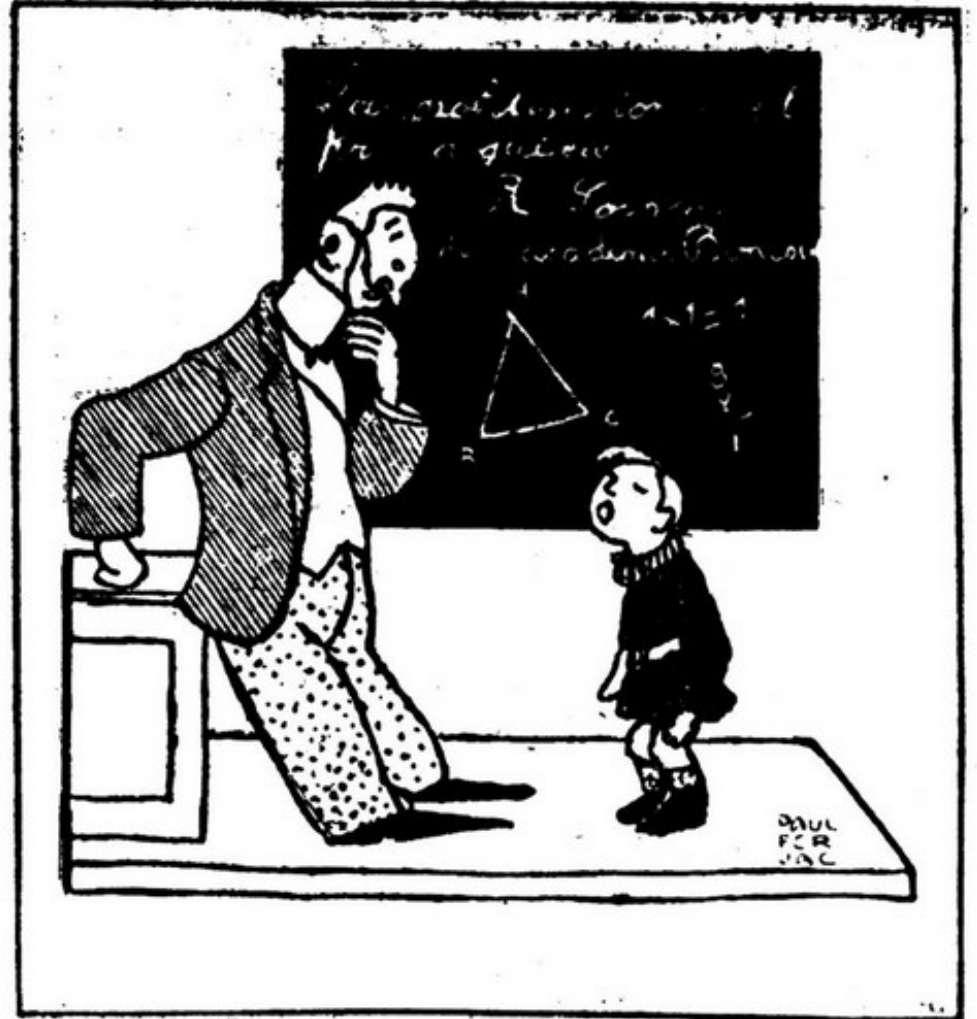
Um pobre de um peccador,
Todo constricto, ajoelhado,
Aos pés do seu confessor,
Declarava ter peccado
Contra o sexto e mui agrade
Mandamento do Senhor.
Quantas vezes —inquiriu
O bom sacerdote austero.
Ao que o homem retorquiu:
—Senhor cura, eu lhe assevero.
Vim aqui p'ra me humilhar,
No vim para me gabar...

X.

MENINOS PRODIGIOS



- A passagem do estado liquido ao solido como se chama?
- Solidificação.
- E do solido ao liquido?
- Liquidação ...



- Se o menino tiver três laranjas e comer uma, com quantas fica?
- O' sr. professor, fico com vontade de comer as outras duas ...

FRUTA DO TEMPO



- Da fazenda que V. Ex.ª quer, só ha meio metro.
- Não faz mal, é só para um vestido de meia estação.



- A senhora só pode passar quando eu tiver o cacete levantado e o apito apitar dois toques.